



Eixo Temático: Educação e formação de professores

CRIANÇA, DESENVOLVIMENTO E A TRANSIÇÃO DO BRINCAR PARA O ESTUDAR NA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL

Naiana Ortiz Boeno¹

RESUMO

Este trabalho consiste na reflexão do estudo sobre a Criança, desenvolvimento e a transição do brincar para o estudar na abordagem histórico-cultural, em que se busca responder: como se dá o desenvolvimento da criança, e a transição do brincar para o estudar na abordagem histórico-cultural? O aporte teórico histórico-cultural de Lev Vigotski e Leontiev orientam a pesquisa apresentada. Resultados indicam que a passagem para o Ensino Fundamental não representa apenas mudança de etapa, mas reorganização ampla do desenvolvimento, envolvendo dimensões cognitivas, afetivas e sociais de forma articulada. A qualidade da transição depende das formas de mediação dos adultos para que a criança tenha um bom desenvolvimento. Práticas que asseguram continuidade entre etapas favorecem a adaptação e um desenvolvimento com maior qualidade. Conclui-se que a criança não apenas adquire conhecimentos, mas transforma seus modos de pensar, agir e se relacionar, o que exige uma atuação pedagógica sensível e intencional.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Conhecimento. Desenvolvimento humano. Infância. Passagem.

INTRODUÇÃO

A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental constitui um momento importante no percurso de desenvolvimento da criança, pois envolve a passagem de uma forma de atividade marcada pelo brincar, pela imaginação e pela exploração livre, para outra centrada no estudo, na atenção voluntária e na ampliação do conhecimento. Trata-se de um movimento que se constrói gradualmente, à medida que a criança passa a lidar com novas experiências simbólicas, com aprendizagens cognitivas e relacionais. Na Educação Infantil, o brincar assume

¹ Professora da Rede Pública Municipal de Ijuí. Mestre em Educação nas Ciências do Programa de Pós-Graduação da UNIJUI. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI. Bolsista CAPES. E-mail: naiana.boeno@sou.unijui.edu.br

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

papel importante, pois através dele a criança experimenta papéis sociais, elabora emoções e constrói sentidos sobre a realidade. Ao ingressar no Ensino Fundamental, espera-se que ela assuma uma postura mais sistematizada diante do conhecimento, implicando no desenvolvimento de certas habilidades, como concentração, organização do pensamento e persistência diante de desafios.

Nessa mudança, a criança possui novas expectativas, novos modos de relação e novas demandas cognitivas e sociais que, em alguns momentos, podem gerar tensões, inseguranças ou até mesmo desinteresse, caso não sejam de certa forma compreendidas pelos educadores. O ambiente escolar passa a valorizar mais o cumprimento de tarefas e a adequação de regras mais formais, o que exige da criança não apenas adaptação, mas também a reorganização de suas formas de agir e pensar. Por isso, é fundamental que essa transição seja acompanhada por práticas pedagógicas sensíveis às especificidades da infância, que reconheçam o brincar como uma linguagem que o integrem, sempre que possível, às propostas de ensino, evitando o desconforto infantil nessa passagem entre as etapas. Nesse sentido, surge a seguinte problemática: como se dá o desenvolvimento da criança, e a transição do brincar para o estudar na abordagem histórico-cultural?

Tal questão é uma reflexão à organização do tempo e das atividades escolares, e ainda, às transformações internas que ocorrem no sujeito em desenvolvimento, com o objetivo de compreender como ocorre o desenvolvimento da criança e a transição do brincar para o estudar na abordagem histórico-cultural.

A passagem de uma atividade principal para outra, isto é, do brincar para o estudo, que implica em uma reconfiguração dos motivos que orientam a ação da criança, fazendo com que ela passe a atribuir novos significados ao aprender. Nessa perspectiva, pensar a transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I não é apenas observar mudanças de rotina, mas entender que cada nova atividade que perpassa essas etapas reorganiza o modo como a criança percebe o mundo, age sobre ele e constrói significados.

Isso implica reconhecer que o estudo, enquanto atividade orientadora no Ensino Fundamental, não deve deixar de lado o brincar, mas dialogar com ele, incorporando elementos de ludicidade, imaginação e criatividade como estratégias de ensino. Ao final desse processo, espera-se que a criança não apenas adquira conhecimentos formais, mas também desenvolva



uma relação positiva com a aprendizagem, sentindo-se pertencente ao ambiente escolar e capaz de atuar de maneira ativa e significativa em sua própria trajetória educativa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia de natureza qualitativa e exploratória abrangeu sucessivas releituras atenciosas do desenvolvimento da Criança, e a transição do brincar para o estudar na abordagem histórico-cultural, visando compreender como esse desenvolvimento acontece durante a transição com vistas a uma educação voltada para uma melhor compreensão infantil das propostas curriculares em prol de um desenvolvimento completo e sadio. Com base em Vigotski, Leontiev e Luria, buscou-se identificar excertos que expressassem, de forma explícita ou implícita, a compreensão de como acontece esse desenvolvimento infantil durante a transição, relacionado às diferentes propostas de ensino em cada etapa entrelaçados à ludicidade, brincadeiras, estudo e suas significações. O processo de construção de conhecimento se deu através do materialismo histórico-cultural como matriz de referência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A criança é um sujeito ativo, histórico e social, na qual sua constituição não se dá de forma isolada, mas nas relações que estabelece com o outro e com o mundo ao seu redor. Isso significa reconhecer que, desde muito cedo, ela participa de práticas sociais, em que observa, imita, interpreta e ressignifica aquilo que vivencia em seu cotidiano. Nessa perspectiva, o desenvolvimento não é um processo natural que simplesmente “acontece”, mas sim, um movimento construído nas interações, carregado de sentidos e atravessado pela cultura. Vigotski, ao contribuir dizendo que toda função psicológica superior aparece primeiro no plano social para depois se interioriza, afirma que

Qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes, ou em dois planos. Primeiro aparece no plano social, e depois no plano psicológico; primeiro entre as pessoas, como uma categoria interpsicológica, e depois dentro da criança, como uma categoria intrapsicológica. (Vigotski, 1998, p. 75).

Dessa forma, compreende-se que aquilo que a criança realiza inicialmente com ajuda; por meio da linguagem, dos gestos ou das orientações do adulto; gradualmente se transforma

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUI




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

em uma capacidade própria. Esse movimento de internalização revela que o desenvolvimento é, antes de tudo, um processo de apropriação cultural. Assim, aprender a falar, a lembrar intencionalmente, a prestar atenção ou a resolver problemas são, além de aquisições individuais, resultados de práticas sociais mediadas.

Nesse contexto, a linguagem ocupa um lugar central. Como aponta Luria (1990): “Ao adquirir a linguagem, a criança adquire um sistema de códigos que lhe permite analisar, generalizar e regular sua própria atividade mental.” (p. 110). A linguagem não apenas expressa o pensamento, mas reorganiza o funcionamento psicológico da criança. Ao nomear o mundo, a criança passa a compreendê-lo de forma mais elaborada, pois ao dialogar, ela regula seu comportamento e ao narrar experiências, ela atribui sentido ao que vive. Portanto, cada avanço no desenvolvimento linguístico amplia também as possibilidades de pensamento e de ação. Isso se torna especialmente relevante no momento de transição para o Ensino Fundamental, quando a linguagem passa a ser ainda mais evidenciada como instrumento de aprendizagem sistematizada.

Leontiev corrobora tratando do desenvolvimento humano, dizendo que cada etapa deste é organizada por uma atividade dominante, isto é, uma forma principal de relação com o mundo que impulsiona transformações nas demais funções psíquicas. Segundo o autor,

Em cada estágio do desenvolvimento psíquico há uma atividade principal, cuja mudança caracteriza a transição de um estágio a outro e determina as principais transformações nos processos psíquicos da criança. (Leontiev, 1978, p. 95).

O autor evidencia que o desenvolvimento não ocorre de forma fragmentada, mas organizado em torno de atividades que assumem papel central em determinados momentos da vida. No caso da criança, essa compreensão é essencial para entender a transição do brincar, que é predominante na Educação Infantil, para o estudo, que passa a orientar o desenvolvimento no Ensino Fundamental.

Na Educação Infantil, essa atividade é o brincar, especialmente o faz-de-conta, que não pode ser reduzido a um simples passatempo ou momento de descontração. Pelo contrário, é uma atividade complexa, na qual a criança elabora papéis sociais, experimenta regras, desenvolve a imaginação e constrói significados sobre a realidade.

Ao brincar de “ser professor”, “médico” ou “mãe”, por exemplo, a criança não apenas imita o mundo adulto, mas o interpreta e o recria a partir de suas próprias experiências. Nesse



processo, ela aprende a agir de acordo com regras que não são impostas externamente, mas assumidas internamente como parte da brincadeira. É nesse ponto que se desenvolve o autocontrole, porque a criança começa a regular seu comportamento não apenas por impulsos imediatos, mas por aquilo que a situação imaginária exige.

Vigotski destaca que, no brinquedo, a criança atua em um nível superior ao de sua idade real, antecipando formas de pensamento e comportamento que ainda estão em processo de formação. O autor nos diz que

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade. (Vigotski, 1998, p. 134).

Ele nos ensina que o brincar cria condições para o avanço do desenvolvimento, permitindo à criança antecipar formas mais complexas de pensamento, ação e regulação do comportamento. Dessa forma, o brincar constitui a base sobre a qual o estudo poderá, posteriormente, se desenvolver.

Com a entrada no Ensino Fundamental, ocorre uma mudança significativa na organização da atividade da criança. O estudo passa a ocupar o lugar de atividade principal, necessitando novas formas de relação com o conhecimento e com o próprio processo de aprender. Diferentemente do brincar, que é movido pelo interesse e pela imaginação, o estudo demanda intencionalidade, esforço consciente e capacidade de lidar com conteúdos que nem sempre são motivadores em um primeiro momento.

Essa transição, necessita ser entendida como um processo gradual, e ser cuidadosamente intermediada. A criança não abandona o brincar; ela o ressignifica e o integra a novas formas de aprendizagem. Quando o ensino considera essa continuidade, torna-se mais significativo e acessível, pois dialoga com aquilo que a criança já sabe e com as formas pelas quais ela já se relaciona com o mundo. É justamente nesse ponto que se evidencia o papel da mediação pedagógica no desenvolvimento infantil. Ao propor situações de ensino organizadas, o professor cria condições para que a criança avance em suas formas de pensar e agir, ultrapassando níveis de desenvolvimento já consolidados. Nessa direção, Luria contribui ao destacar que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores está intrinsecamente ligado às práticas educativas e às interações sociais vivenciadas pela criança. O autor ressalta que:



As formas superiores de atividade consciente — como a atenção voluntária, a memória lógica e o pensamento abstrato — não se desenvolvem espontaneamente, mas são formadas no processo de interação social e de ensino organizado. (Luria, 1990, p. 45).

O autor nos coloca que funções como a atenção voluntária, o pensamento conceitual e a memória lógica não surgem espontaneamente, mas são desenvolvidas por meio de práticas educativas intencionais. Ele reforça o princípio de que o desenvolvimento dessas funções depende de práticas educativas intencionais, especialmente no contexto escolar. Isso implica reconhecer o papel fundamental do professor como intermediador, alguém que organiza situações de aprendizagem, propõe desafios, orienta o pensamento e oferece suporte para que a criança avance além do que conseguiria sozinha. Nesse sentido, o estudo não é apenas a assimilação de conteúdos, mas a formação de novas maneiras de pensar.

Já a passagem do brincar para o estudar não envolve apenas mudanças cognitivas, mas também grandes implicações afetivas e sociais. A criança deixa um ambiente em que suas ações são mais livres e centradas em seus interesses imediatos para ingressar em um contexto mais estruturado, com regras mais definidas, tempos mais organizados e expectativas em relação à aprendizagem e desenvolvimento. Essa mudança pode ser vivida de diferentes formas, pois para algumas crianças, representa um desafio estimulante, enquanto para outras, pode gerar insegurança, ansiedade ou resistência. Por isso, é essencial que a escola reconheça a dimensão emocional desse processo.

Como afirma Vigotski (2001), pensamento e emoção são indissociáveis, e o aprendizado só se efetiva plenamente quando a criança se sente acolhida, segura e motivada. O autor nos ensina que “O pensamento não nasce de si mesmo nem de outros pensamentos: ele tem sua origem na esfera da motivação da consciência, que inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos e emoções.” (p. 187). Para Vigotski, aprender envolve não apenas processos intelectuais, mas também o engajamento emocional da criança, o que reforça a importância de um ambiente escolar acolhedor, seguro e significativo para que a aprendizagem se efetive de maneira plena.

Isso implica construir pontes entre o brincar e o estudar, em que estratégias como jogos didáticos, projetos investigativos, uso de histórias, atividades lúdicas e propostas que envolvam a curiosidade e a participação ativa da criança são fundamentais. Essas práticas tornam o aprendizado mais significativo e preservam elementos essenciais da infância, evitando comprometimentos no desenvolvimento infantil.



Assim, a transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental necessita ser compreendida como um processo contínuo e integrado, no qual a criança amplia suas formas de agir, pensar e sentir, sem perder de vista aquilo que a constitui como sujeito em desenvolvimento. Além da adaptação à escola, necessita-se de um diálogo da escola com a infância, reconhecendo no brincar e no estudar como duas dimensões complementares de um mesmo processo formativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a questão que orientou este estudo, isto é, “como se dá o desenvolvimento da criança, e a transição do brincar para o estudar na abordagem histórico-cultural?” torna-se possível afirmar que esse processo não ocorre como uma simples substituição de atividades. Pelo contrário, trata-se de um movimento complexo, marcado por continuidades e transformações, no qual a criança reorganiza suas formas de agir, pensar e se relacionar com o conhecimento. A análise realizada permitiu compreender que o desenvolvimento, nessa perspectiva, é profundamente mediado pelas interações sociais, pela linguagem e pelas experiências culturais, evidenciando que a passagem para o Ensino Fundamental representa uma reorganização das bases já construídas no brincar.

Nesse sentido, considera-se que o objetivo proposto foi alcançado, na medida em que se tornou possível compreender de forma mais aprofundada como se constitui esse processo de transição. Evidenciou-se que o brincar não desaparece, mas se transforma e permanece como fundamento para o desenvolvimento de novas capacidades demandadas pelo estudo. Além disso, foi possível reconhecer o papel da intermediação do professor que atua entre essas duas formas de atividade, auxiliando no desenvolvimento infantil, no qual, revela-se como um processo dinâmico, em que a criança avança para além de seu nível atual através de relações significativas e organizadas intencionalmente.

Outro aspecto que se destaca refere-se à interdependência entre os aspectos cognitivos e afetivos no processo de aprendizagem, pois a transição envolve a aquisição de novos conhecimentos ou habilidades, e ainda a forma como a criança se sente diante dessas mudanças. Quando o ambiente escolar acolhe, respeita e valoriza as experiências da criança, cria-se um lugar mais favorável para que ela se envolva, participe e atribua sentido ao que aprende. Porém,



quando essa dimensão é descuidada, o processo pode se tornar mais difícil, mostrando que aprender é, também, uma experiência emocional.

Por fim, algumas reflexões, destacam-se a partir deste estudo, como a necessidade de construir propostas pedagógicas que estabeleçam pontes entre o brincar e o estudar, reconhecendo ambos como dimensões complementares do desenvolvimento infantil. Também se reforça a importância de um olhar sensível e atento às singularidades das crianças, aos seus tempos e às suas formas de aprender. Mais do que preparar a criança para a escola, necessita-se pensar uma escola cada vez mais aberta à infância, para compreender ainda mais seus modos de ser, promovendo experiências significativas. Nesse horizonte, o desafio que se coloca não é o de antecipar conteúdos, mas o de garantir condições para que o desenvolvimento aconteça de maneira plena, respeitosa e humanizada.

REFERÊNCIAS

LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich. *Atividade, consciência e personalidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LURIA, Alexander Romanovich. *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. São Paulo: Ícone, 1990.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.